

# Problemas da capital

22 OUT 1986

JORNAL DE BRASÍLIA

Brasília deveria ter 500 mil habitantes no ano 2.000. Já tem 1,7 milhão. É um problema encravado nas preocupações dos governantes. Eles buscam soluções e agora, num simpósio de grande expressão, discutem publicamente as raízes dos problemas que enfrentamos.

Existem equívocos que devem ser afastados antes de se discutir o futuro da cidade. O primeiro deles é a concepção errônea de que Brasília é uma idealização de arquitetos e urbanistas talentosos e geniais. Nada mais falso.

Brasília foi concebida por um estadista que a encarava como um instrumento de desenvolvimento, como um elemento acelerador de um processo de ocupação do território nacional. A mudança da capital não foi imaginada como uma ocasião de construção de uma cidade ideal, como uma chance de manifestação do gênio de nossos profissionais em urbanismo. Foi imaginada como um incrementador do desenvolvimento e, fundamentalmente é isto o que ela é. Juscelino Kubitschek de Oliveira jogou certo e sua aposta no futuro não pode ser colocada mais em dúvida. Se errou foi porque o processo se apresentou mais dinâmico do que o previsto.

Brasília, na entrada do próximo século, terá aproximadamente 4 milhões de habitantes. Será uma grande metrópole e acumulará, seguramente, uma mostra expressiva dos problemas de nossa sociedade.

Discutem-se os problemas de Brasília, mas é importante assinalar que eles não podem ter solução isoladamente. Buscar soluções, fora do contexto de toda a so-

ciedade para os problemas das grandes metrópoles, é ilusório. Somente enfrentando as mazelas do país como um todo é que se pode avançar. Os problemas surgidos têm raízes diversas, mas comuns à sociedade.

De um lado, o processo desordenado e intenso de mudança social que conhecemos nos últimos decênios; e de outro as características do poder que nos últimos vinte anos comprometeu todo um projeto que se afirmava internacionalmente como pioneiro.

Um crescimento da economia — ao qual não se pode negar impeto — e uma mudança rápida nas estruturas sociais, com uma migração rural urbana acelerada levaram ao “inchamento” dos centros urbanos. As metrópoles passaram a abrigar populações em quantidade muito superior à sua capacidade ideal.

Calcula-se que mais da metade da população urbana brasileira não é atendida pelos serviços essenciais. E não há no mercado formal de trabalho colocação para mais de 30 por cento da mão-de-obra disponível. A situação não pode deixar de ser considerada grave. Marginalidade e crianças de rua se multiplicam e se transformam em problemas sociais.

Durante o autoritarismo, as regras legais eram violadas pelos “próximos do poder”. As planificações, em Brasília, foram abandonadas para atender aos detentores do poder ou a seus pupilos.

Enfrentar os problemas dos grandes centros, sobretudo os de Brasília, é lutar em duas frentes: combater as ilegalidades que se transformaram em hábitos e os problemas estruturais da sociedade.